

Ficção e imaginação

Mário Santiago

“Não, a imaginação é que fez as obras de arte gregas, pois se trata de um artista melhor que a imitação. Esta só reproduz o que tiver visto, ao passo que a imaginação retrata o que não viu”

Diógenes Laércio.

“É possível que os deuses não me negassem o achado de uma imagem equivalente, mas este relato ficaria contaminado de literatura, de falsidade”

Jorge Luis Borges, *O Aleph*.

Este trabalho tem por objetivo compreender a tematização realizada por Wolfgang Iser, em dois momentos diferentes, a respeito da relação entre o fictício e o imaginário e a noção de interação, capaz de, se não explicar o que são, “pois não se pode dizer-lo”¹, pelo menos descrever o que são e como um realiza no contexto do outro. Na primeira parte, tomou-se a última seção do texto publicado sob os auspícios da Universidade de Konstanz, Alemanha, em 1979, *Problemas da literatura atual: o imaginário e os conceitos-chaves da época*. Na segunda parte, levou-se em conta o texto da conferência *O fictício e o imaginário*, apresentada por Wolfgang Iser durante o VII Colóquio UERJ, em 1996, ocasião em que os elementos da sua teoria ficcional foram discutidos.

¹ ISER, Wolfgang. *O fictício e o imaginário*. Trad. Bluma Waddington Vilar. In: ROCHA, João Cezar de Castro (org.). *Teoria da ficção – indagações à obra de Wolfgang Iser*. Rio de Janeiro: EDUERJ, 1999, p. 66.

Em *Problemas da literatura atual*: o imaginário e os conceitos-chaves da época, Wolfgang Iser nos diz de um deslocamento que se opera do texto literário para o discurso elaborado pela teoria da literatura, para que o texto literário se torne traduzível. Buscar o sentido do texto torna-se, assim, o horizonte do procedimento teórico. Essa “transferência” parte, pois, da pressuposição de uma necessidade semântica de fazer com que o texto possa ser compreendido pelos “quadros de referência dominantes”. Com isto, Iser localiza no imaginário (e não no enquadramento semântico) a “dimensão última do texto”, assim como a “origem do discurso ficcional”.

Segundo Iser, o imaginário “não é de natureza semântica, pois, face a seu objeto, tem o caráter de difuso, ao passo que o sentido se torna sentido por seu grau de precisão”². Nesta parte do texto o autor fala da importância do caráter “difuso” do imaginário para que este se torne “capaz de assumir configurações diversas, o que é sempre exigido se se trata de tornar o imaginário apto para o uso”³. A ficção, diz Iser, é a “configuração apta para o uso do imaginário”⁴.

Aqui o autor introduz a idéia de uma “boa forma” ficcional, necessária para criar “a possibilidade de o imaginário não só organizar, mas também de, através desta organização, provocar formas pragmáticas correspondentes”⁵.

² ISER, Wolfgang. *Problemas da teoria da literatura atual*: o imaginário e os conceitos-chaves da época. Trad. Luiz Costa Lima. In: COSTA LIMA, Luiz. *Teoria da literatura em suas fontes*. 2. ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1983. Vol II. p. 379.

³ Idem.

⁴ Ibid.

⁵ Ibid.

A ficção é, assim, tida por Iser como a “configuração do imaginário ao se notar que ela não se deixa determinar como uma correspondência contrafactual da realidade existente”⁶. Encontra-se, a seguir, exposta no texto de Wolfgang Iser, uma idéia que nos parece interessante e importante realçar para a compreensão da sua afirmação inicial:

“A ficção mobiliza o imaginário como uma reserva de uso específico a uma situação. No entanto a configuração que o imaginário ganha pela ficção não reconduz à modalidade do real que, através do imaginário, deve ser justamente revelado”⁷.

Há uma outra característica do texto ficcional, da qual nos fala Iser, que parece também necessário dar relevo, se concordamos com o autor de que na ficção algo sempre estará representado:

“Ao mesmo tempo... o que (pela ficção) se representa tem apenas a qualidade de um *como se*, que não é idêntico nem ao real, nem ao imaginário; à diferença do imaginário, ele é dotado de forma, e à diferença do real, é irreal. Deste modo a ficção mantém uma diferença constante quanto ao imaginário e quanto ao real”⁸.

Na continuidade, um terceiro elemento do texto também deve ser destacado, que é uma espécie de desidentificação, uma “identidade carente”, que faz que com que a ficção não seja o reflexo do que é por ela representado.

⁶ Ibid.

⁷ Op. cit., p. 379.

⁸ Idem.

“Através do *como se* põe-se entre parênteses o representado pela ficção. Este parêntese assim declara que a ficção não representa o representado, mas sim a possibilidade de relacionar o representado a outra coisa, diversa da que se dá a conhecer por sua formulação verbal. Assim o caráter de *como se* da ficção cria um abismo entre o que é representado e o que deve ser representado”⁹.

Para concluir esta primeira parte, ainda remetendo ao texto de Wolfgang Iser, compreende-se que “como figuração do imaginário, a ficção impõe a necessidade da interpretação”¹⁰. Logo, a recepção encontra-se “mais próxima da experiência do imaginário do que a interpretação, que pode apenas semantizar o imaginário”¹¹, sendo este o sentido mesmo da tarefa interpretativa.

Em *O fictício e o imaginário*, Wolfgang Iser toma por tema central da sua discussão a questão da *interação*, a partir da qual ele tenta compreender de que forma o “fictício e o imaginário servem de contexto um para o outro”¹². O enfoque, aqui, é o da tentativa de verificação do efeito estético que leva não mais o autor, mas o leitor, em consideração. Para Wolfgang Iser “o enfoque antropológico pode ser considerado um desdobramento do *reader-response criticism*”¹³, possibilidade de compreensão daquilo “que de fato acontece quando lemos”¹⁴. Os leitores, segundo Wolfgang Iser, estão “enredados no texto”¹⁵, sendo possível observar-se a si mesmos nesse enredamento, o que parece ser determinante de uma

⁹ Ibid.

¹⁰ Op. cit., p. 380

¹¹ Idem.

¹² ISER, Wolfgang. *O fictício e o imaginário*. Trad. Bluma Waddington Vilar. In: ROCHA, João Cezar de Castro (org.) *Teoria da ficção – indagações à obra de Wolfgang Iser*. Rio de Janeiro: EDUERJ, 1999, p. 66.

¹³ Idem.

¹⁴ Ibid.

¹⁵ Ibid.

necessidade desse “fingimento”¹⁶. Em princípio, segundo o autor, uma teoria do efeito estético parece incapaz de explicar essa necessidade, devendo ser ampliada ao ponto em que “o estudo do processamento do texto dá lugar a um estudo do que o meio pode revelar acerca das disposições que caracterizam a constituição humana”¹⁷. Uma antropologia literária seria um “desdobramento direto da teoria do efeito estético, uma vez que procura responder a perguntas que esta última formulou, mas deixou sem resposta”¹⁸. Ou seja, a antropologia literária poderia vir a constituir-se numa nova modalidade de formulação heurística, vinculada ao fictício e ao imaginário,

“àquelas disposições humanas que também constituem a literatura...que existem como experiências cotidianas...seja quando se expressam na mentira e na ilusão que nos conduzem além dos limites da situação em que nos achamos ou além dos limites do que somos, seja quando vivemos uma vida imaginária em sonhos, devaneios ou alucinações”¹⁹.

Caracterizando-se como “disposições antropológicas (o fictício e o imaginário)... não se confinam à literatura, desempenhando... um papel em nossa vida cotidiana”²⁰. Se algo de específico se pode apreender da literatura, diz Wolfgang Iser, “consiste no fato de que é produzida mediante uma fusão do fictício e do imaginário”²¹, embora esses elementos, por si mesmos, não possam vir a constituir-se em requisitos fundamentais para a sua existência, emergindo da interação entre eles. Se a literatura “emerge da interação de ambos é também porque nenhum dos dois pode ter seu fundamento definitivamente

¹⁶ Op. cit., p.66.

¹⁷ Idem.

¹⁸ Ibid.

¹⁹ Ibid.

²⁰ Op. cit., p. 67.

²¹ Idem.

esclarecido”²². Essa interação (em que o fictício e o imaginário se dispõem mutuamente um no contexto do outro, sob múltiplas, formas, maneiras e ramificações) é regulada por regras de uma espécie de jogo, por “uma estrutura capaz de propiciar diferentes tipos de interação, quer entre o texto e o leitor, quer entre o fictício e o imaginário”²³. Como o fictício e o imaginário não são “passíveis de uma determinação transcendental, só podem ser delimitados contextualmente, definindo-se na interação contextual”²⁴, interação esta que se torna possível através da literatura, visto estarem “desvinculados de exigências pragmáticas imediatas”²⁵. “Quando mentimos, temos um certo propósito. O tipo de fingimento que ocorre na literatura não tem relação direta com propósitos dessa ordem”²⁶.

O fictício e o imaginário somente podem ser apreendidos pelo que manifestam, ou melhor, pela forma como se manifestam, pela interação entre eles, que resulta numa “espécie de matriz geradora da qual emerge a literatura”²⁷. Segundo Wolfgang Iser, nessa operação de mútua ocupação dos seus contextos, o fictício

“depende do imaginário para realizar plenamente aquilo que tem em mira, pois o que tem em mira só aponta para alguma coisa, alguma coisa que não se configura em decorrência de se estar apontando para ela: é preciso imagina-la”²⁸.

²² Idem.

²³ ISER, Wolfgang. *O jogo*. Trad. Bluma Waddington Vilar. In: op. cit. p. 107.

²⁴ ISER, Wolfgang. *O fictício e o imaginário*. Trad. Bluma Waddington Vilar. In: ROCHA, João Cezar de Castro (org.) *Teoria da ficção – indagações à obra de Wolfgang Iser*. Rio de Janeiro: EDUERJ, 1999, p.67.

²⁵ Idem.

²⁶ Ibid.

²⁷ Op. cit., p. 68.

²⁸ Idem, p. 70.

Dessa forma, ao compelir o imaginário para que este assuma uma forma, o fictício torna-se o meio através do qual este se manifesta, ou seja, “o fictício tem de ativar o imaginário, uma vez que a realização de intenções requer atos de imaginação”²⁹. Não sendo uma instância capaz de tornar-se ativa por si e não sendo portadora dos atributos que irão direcioná-la, depende de estímulos para descortinar horizontes de possibilidades. Referindo-se aos “atos de fingir”, Wolfgang Iser nos diz que “o fictício é caracterizado... por uma travessia de fronteiras entre os dois mundos que sempre inclui, o mundo que foi ultrapassado e o mundo-alvo a que visa”³⁰. Para se entender melhor isto torna-se necessário compreender os três “atos de fingir” que, segundo Wolfgang Iser, estão presentes em todo texto literário. O primeiro deles, ato de seleção, “cria um espaço de jogo, pois faz incursões nos campos de referência extratextuais, transgredindo-os ao incorporar elementos dos mesmos ao texto”³¹, podendo também produzir a intertextualidade. No ato de combinação “as fronteiras atravessadas são intratextuais, variando de significados lexicais a fronteiras transgredidas pelos protagonistas das narrativas”³². Já no autodesnudamento, o terceiro dos “atos de fingir” da ficção, o “*como se* indica que o mundo representado no texto deve ser visto apenas como se fosse um mundo, embora não o seja”³³. Para Wolfgang Iser, “o mundo textual não significa aquilo que diz (da mesma forma que)... o mundo empírico do qual o mundo do texto foi extraído se transforma em metáfora de algo a ser concebido”³⁴. Por outro lado, Wolfgang Iser indica

²⁹ Idem.

³⁰ Idem, p. 68.

³¹ Idem.

³² Idem, p. 69.

³³ Idem.

³⁴ Idem, p. 69-70.

que o autodesnudamento da ficcionalidade “assinala que o mundo do texto não é de fato um mundo, mas para fins específicos deve ser considerado como tal”³⁵ e afirma que

“ao considerar-se o mundo representado no texto apenas *como se* fosse real, o próprio mundo empírico se transforma num espelho, orientando o receptor para a concepção de algo que não existe e permitindo que esse inexistente seja visualizado como se fosse realidade...realidade virtual”³⁶.

É, pois, pelo ato de autodesnudamento que

“a ficcionalização se converte no meio ideal para que o imaginário se manifeste, fazendo o invisível tornar-se concebível, um processo que não ocorreria se a ficcionalização não direcionasse o imaginário, propiciando as condições necessárias e suficientes para tanto”³⁷.

Isto porque, ainda com Wolfgang Iser, “o imaginário não pode inventar nada (pois) precisa...de um meio para realizar o que esse meio pretende que o imaginário faça”³⁸.

Pode-se ainda acrescentar que

“a ficcionalidade é um ato puramente consciente cuja intencionalidade é pontuada por indeterminações (e) sequer controla aquilo que tem em mira...podendo apenas manter um certo direcionamento neste sentido”³⁹.

³⁵ Idem, p. 72-73.

³⁶ Idem, p. 73.

³⁷ Idem.

³⁸ Ibid.

³⁹ Ibid.

Apoiando-se em Edmund Husserl e Sartre, Wolfgang Iser aponta a necessidade de se compreender que o imaginário, na sua vacuidade, na “insubstancialidade” manifesta nos atos de fingir, nunca pode ser completamente apreendido. Logo, “sem o imaginário... o fictício não passaria de uma forma de consciência vazia... e sem o fictício, o imaginário não poderia aparecer como contraposição”⁴⁰. A esse respeito há um trecho da obra *O ato da leitura* que deve ser aqui rapidamente mencionado em que Wolfgang Iser, tratando das indeterminações do texto literário nos diz que esses têm uma outra função, pois “designam menos a lacuna na determinação do objeto intencional... do que a possibilidade de a representação do leitor ocupar um determinado vazio no sistema do texto”⁴¹.

Bibliografia:

- ISER, Wolfgang. *Problemas da teoria da literatura atual: o imaginário e os conceitos-chaves da época*. Trad. Luiz Costa Lima. In: COSTA LIMA, Luiz. *Teoria da literatura em suas fontes*. 2. ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1983. Vol II.
- _____. *O fictício e o imaginário*. Trad. Bluma Waddington Vilar. In: ROCHA, João Cezar de Castro (org.). *Teoria da ficção – indagações à obra de Wolfgang Iser*. Rio de Janeiro: EDUERJ, 1999.
- _____. *O jogo*. Trad. Bluma Waddington Vilar. In: In: ROCHA, João Cezar de Castro (org.). *Teoria da ficção – indagações à obra de Wolfgang Iser*. Rio de Janeiro: EDUERJ, 1999.
- _____. *O ato da leitura*. Trad. Johannes Kretschmer. São Paulo: Editora 34, 1999, vol. 2.

Belo Horizonte – Fevereiro – 2006

⁴⁰ Op. cit., p. 75.

⁴¹ ISER, Wolfgang. *O ato da leitura*. Trad. Johannes Kretschmer. São Paulo: Editora 34, 1999, vol. 2, p. 126.